

Introdução

A partir do momento em que a cidade ganha importância como objeto de pesquisa no âmbito da Antropologia, o etnógrafo, como intérprete e analista dos dramas sociais urbanos, deve enfrentar uma série de desafios epistemológicos e metodológicos para a condução de seus estudos. Esse novo contexto de pesquisa é fonte geradora de diversas propostas etnográficas, que indagam as consequências da mudança de horizonte da pesquisa antropológica – o olhar que antes se voltava para as sociedades tradicionais hoje contempla também a grande cidade, no que concerne ao que Gilberto Velho denominou de estudo das sociedades complexas (VELHO, 2009, 2013).

Nesse panorama, pude notar a existência de uma linhagem de pensamento etnográfico que tem como principal arcabouço teórico a obra de Walter Benjamin, cujas concepções sobre a cidade moderna vão refletir de forma contundente em propostas de pesquisa de campo e escrita etnográfica de autores brasileiros e estrangeiros.

Apesar de não ser antropólogo, tampouco estudioso da literatura antropológica, um

dos temas mais caros a Walter Benjamin foi a cidade, sua cultura, paisagens e formas de sociabilidade. Mesmo que seu espólio intelectual abranja uma ampla gama de temas, a metrópole moderna aparece como um dos principais cenários de suas reflexões.

A cidade emerge como tema e objeto de estudo no século XIX. A literatura, no início, talvez tenha sido uma das formas mais expressivas de traduzir o ambiente urbano e sua cultura, como podemos perceber, por exemplo, nas obras de Honoré de Balzac, Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe e Charles Dickens. Já no campo das Ciências Sociais, mais especificamente na Sociologia, os primeiros estudos *na* cidade foram realizados por pesquisadores da Escola de Chicago. De forma quase concomitante e imersa em um contexto neocolonialista, a Antropologia desenvolvia-se buscando não o próximo, mas o distante, o alhures, o diferente e exótico (VELHO, 2009). Assim, enquanto a literatura e a Sociologia caminhavam em direção ao urbano, Franz Boas, Bronisław Malinowski e Alfred Radcliffe-Brown realizavam suas primeiras expedições².

1 Mestra em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia Social pela PUC-SP. Integra o Grupo de Pesquisa de Práticas Culturais Contemporâneas (GEPRACC) da PUC-SP desde 2015. Realiza pesquisas na área da antropologia urbana e antropologia sensível, articulando a obra benjaminiana com a teoria antropológica. E-mail: beatrizsalgado.co@gmail.com

2 Franz Boas realiza suas primeiras expedições antropológicas entre 1883 e 1884, para as Ilhas Baffin. Já Malinowski realiza suas primeiras viagens em 1914, para a Nova Guiné, e entre 1915 e 1916, e 1916 e 1917, para a Melanésia. Radcliffe-Brown também conduz pesquisas de campo entre 1906 e 1908 nas Ilhas Andaman, e entre 1910 e 1912, na Austrália.

No Brasil, os primeiros estudos antropológicos urbanos foram certamente influenciados pelo pensamento da Escola de Chicago³. Porém, pouco foi escrito sobre a produção literária referenciada no escopo da antropologia urbana brasileira, talvez por se tratar de uma literatura europeia, que não refletia, no início ou meados do século XX, a realidade das cidades brasileiras; ou, talvez, devido ao receio de se trabalhar com literatura nos limites de uma disciplina que reivindicava constantemente seu status de ciência. De qualquer maneira, é esse material literário, de Dickens, Poe, Balzac, Hugo e, especialmente, Baudelaire, que alimenta as análises de Walter Benjamin sobre as cidades nas quais morou ou pelas quais passou – Berlim, Marselha, Nápoles, Moscou, Roma e, em especial, Paris.

Atentos a esse movimento de Benjamin, os autores que integram o que chamarei aqui de “linhagens benjaminianas do pensamento etnográfico” trabalharam igualmente com um material de cunho literário e poético, principal traço de suas propostas que, por isso, são bastante diversas daquelas das primeiras pesquisas de campo na cidade.

Argumento que esse perfazer entre literatura e ciência, ao contrário de desviar o pensamento científico de seu curso racional, mitigando o status científico da Antropologia, na verdade contribui para reflexões inéditas e aponta interessantes caminhos para a etnografia urbana. Com efeito, literatura e poesia não são articuladas livremente nos artigos aqui analisados, tampouco na obra de Benjamin, cujas análises urbanas são apresentadas por meio de conceitos e categorias específicos, aos quais chamo de *operadores urbanos*⁴. Tratam-se de ferramentas epistemológicas que alicerçam

o pensamento de Benjamin sobre a cidade e que são articuladas por estudiosos da urbe desde a década de 1980.

Da etnografia de passagem ao flâneur etnográfico

José Guilherme Cantor Magnani refere-se, em célebre artigo no qual apresenta sua abordagem “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), a uma modalidade etnográfica que denomina “de passagem” e consiste em

Percorrer a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz. O relato final, geralmente na forma de ensaio, termina por expressar essa experiência por meio do uso de metáforas que serão tanto mais sugestivas quanto maior a criatividade do analista e o leque de relações que estabelecer: “hibridização”, “porosidades”, “territorialidades flexíveis”, “não-lugares”, “configurações espaço-temporais”, “paisagens disjuntivas” e outras (MAGNANI, 2002, p. 13).

Essa caracterização da “etnografia de passagem”, apesar de fazer referência evidente a perspectivas pós-modernas, descreve também um modo de se percorrer a cidade muito semelhante àquele do *flâneur*, personagem baudelairiano, típico da cidade moderna do século XIX. Essa figura, sem sombra de dúvida, é importante inspiração para Walter Benjamin e constitui, como veremos, um dos operadores urbanos analisados neste artigo.

Para citar Benjamin, “Paris criou o tipo do Flâneur” (2006, p. 462)⁵ e nenhuma outra cidade poderia tê-lo gestado. A capital francesa do Segundo Império, tão cara ao autor, deve ser vista como a cidade moderna por excelência. Foi

3 Donald Pierson – aluno de Robert Park e de Louis Wirth, expoentes dessa corrente de pensamento – esteve na USP em 1939 e organizou uma disciplina intitulada “Métodos e técnicas de pesquisa social”, na qual conduziu alguns estudos de campo na capital paulista (ECKERT; ROCHA, 2013a, p. 20).

4 Termo inspirado no trabalho de Werneck (2002), com os “operadores estéticos” da obra de Lévi-Strauss.

5 Fragmento [M 1, 4] da edição brasileira das *Passagens* (BENJAMIN, 2006).

nesse período que seu prefeito, Georges-Eugène Haussmann, o “artista demolidor”, promoveu radicais mudanças urbanas, acabando com “boa parte da malha medieval e da Renascença” de Paris (SENNETT, 2003, p. 269). Essas reformas facilitaram o deslocamento de pessoas e mercadorias pelo alargamento de avenidas e pela criação de grandes bulevares e também das passagens, invenção arquitetônica de imensa importância alegórica para Benjamin. Mais importante, essas mudanças de Haussmann criaram as condições necessárias para a aparição do *flâneur*, indivíduo ocioso que preenche as horas de seu dia perdendo-se na cidade, deambulando por suas ruas e avenidas.

Benjamin constrói uma verdadeira teoria sobre o *flâneur*. Nela, dá especial atenção para o fato de que, em seus deslocamentos, esse personagem não possui um roteiro traçado, um plano de viagem; ao contrário, constrói seus próprios mapas e trajetos urbanos na contingência de seu caminhar. Sua prática, porém, ultrapassa em muito a do andarilho, pois se o *flâneur* se perde na cidade, o faz sem perder seus sentidos, que estão sempre mobilizados e prontos para o reconhecimento de todo e qualquer elemento urbano, desde os tipos sociais, suas roupas e trejeitos, até as placas e luminosos. Como “O Homem da multidão” de Edgar Allan Poe (2010), ou o “Pintor da vida moderna” de Baudelaire (2010), o *flâneur* é também explorador da multidão (BENJAMIN, 2006, p. 62).

Pode-se dizer que a atitude do *flâneur*, como explorador da multidão urbana, é diametralmente oposta àquela do *blasé* de Georg Simmel (1973). Se o *blasé* tem seus sentidos embotados pela profusão de imagens e choques da cidade, o *flâneur* mantém uma grande capacidade e sensibilidade de discriminação dos elementos urbanos. Isso porque, como menciona

Benjamin, esse personagem se situa no limiar da cidade e da classe burguesa, “nenhuma delas [a burguesia ou a cidade grande] ainda o subjugou. Em nenhuma delas ele se sente em casa. Ele busca um asilo na multidão” (BENJAMIN, 2006, p. 47). Assim, possui uma atitude diferenciada em relação às dos outros habitantes da metrópole. Seu caminhar ocioso e lento protesta contra o ritmo frenético das massas, “contra a divisão do trabalho que transforma as pessoas em especialistas” (BENJAMIN, 2011b, p. 50).

Essa forma de deslocamento constitui uma das principais características desse personagem; porém a vagariedade de seu caminhar não se trata apenas de um protesto, mas igualmente de uma forma de observação interessada da urbe e de suas figurações cotidianas. Se ousarmos dizer que esse tipo possui uma ocupação, esta seria o culto à cidade moderna.

Nos limites deste artigo, não seria possível analisar por completo a teoria benjaminiana da *flânerie*; ademais, muitos autores já o fizeram⁶. Não obstante, por meio dessa breve caracterização, já é possível notar que o *flâneur* e o “etnógrafo de passagem” de Magnani compartilham práticas muito semelhantes: a caminhada sem rumo pela cidade, acompanhada da aguda observação de paisagens, personagens típicos, seus hábitos etc.

Logo, ainda que Magnani se refira a uma estratégia de pesquisa que, em geral, é articulada por estudiosos da globalização e das grandes metrópoles contemporâneas, acaba por referir-se indiretamente à obra benjaminiana. Isso, não apenas pela semelhança entre a descrição da “etnografia de passagem” e a *flânerie*, mas também porque alguns desses estudos contemporâneos propõem estratégias de pesquisa que têm como principal arcabouço teórico o espólio intelectual de Walter Benjamin e, em especial, sua teoria do *flâneur*.

6 Para mais referências, ver Bolle (1994), Gilloch (1996) e Buck-Morss (2002). Também ofereci, em outra ocasião, uma análise mais concisa (OLIVEIRA, 2016).

Antes de adentrar a análise da linhagem benjaminiana da etnografia, é importante notar que a “etnografia de passagem” é duramente criticada por Magnani. O autor, inclusive, a situa de forma oposta à sua própria abordagem, “de perto e dentro”, e advoga por “modelos analíticos mais econômicos”, propondo algumas categorias de análise do estudo da cidade⁷. O receio de Magnani é de que a abordagem “de passagem” apenas reafirme a heterogeneidade e a fragmentariedade das ruas da grande cidade e, no limite, não produza conhecimento científico. Esse receio não é partilhado com os pesquisadores e etnógrafos da linhagem de pensamento etnográfico que defino como benjaminiana e que será analisada mais à frente. Ao contrário, esses argumentam que, por meio dessa estratégia de pesquisa, há maiores chances de captar os segredos da dinâmica da heterogeneidade e fragmentação da cultura urbana. Tais autores preferem, ao contrário de Magnani, que modelos analíticos emergam dessa experiência de campo.

Uma das primeiras abordagens da Antropologia que propôs uma estratégia bastante similar ao que, até aqui, chamarei de “etnografia de passagem”, foi a de Colette Pétonnet⁸ que, em 1982, publica na revista *L’Homme* o artigo “L’Observation flottante” (*Observação flutuante*, em tradução livre). Mesmo que Pétonnet não faça referência a Walter Benjamin em seu artigo⁹, seria impossível não reconhecer a *flânerie* na descrição de sua proposta etnográfica. Esta consiste em deambulações ou caminhadas livres pela urbe, nas quais o pesquisador deve

permanecer disponível e desocupado em todas as circunstâncias, não mobilizar a atenção em objetos precisos, mas se deixar “flutuar” a fim de que as informações penetrem sem filtro, sem a priori, até que os pontos de referência, de convergência apareçam, e que alcancemos, então, a descoberta das regras subjacentes (PÉTONNET, 1982, p. 39, tradução minha)¹⁰.

Interessante notar que, mais uma vez, é a metrópole parisiense o cenário das caminhadas investigativas. Pétonnet realiza ensaios de seu método no Père-Lachaise, famoso cemitério da capital francesa, onde se situam os túmulos das mais diversas figuras públicas e celebridades mundiais, e por onde passam não apenas os cidadãos parisienses, mas também um grande contingente turístico.

Os resultados do ensaio etnográfico de Pétonnet, de certa forma, convergem com os apontamentos de Magnani sobre a etnografia de passagem. Assim, como pesquisadora, e também como *flâneur*, lhe foi possível determinar os *habitués* da região estudada, indivíduos, ou melhor, *figuras e tipos* sociais sempre presentes no cemitério e para cujas vidas o local desempenha importante papel como espaço de sociabilidade. Ademais, ainda não tomada pelo hábito, a deambulação da etnógrafa é acompanhada de uma observação sensível do local, bastante característica da *flânerie*. Cabe ressaltar a descrição de uma experiência fortemente estética em suas primeiras incursões etnográficas, descrição que reflete as experiências do *flâneur* benjaminiano:

7 Tratam-se de categorias como “macha”, “circuito”, “pedaço”, dentre outras. Para a análise completa, ver Magnani (2002).

8 Para referências sobre a autora, ver Fonseca e Magni (2014).

9 A autora utiliza-se, apenas em uma ocasião, do verbo *flâner*, do qual derivam os termos *flâneur* e *flânerie* (fonte: Dicionário de francês Larousse, disponível em: <<http://www.larousse.fr>>. Acesso em: abr. 2017).

10 No original: “La méthode utilisée est celle que nous qualifions d’“observation flottante” et à laquelle nous nous essayons depuis quelque temps, au long des trajets parisiens qu’imposent les activités quotidiennes ou le besoin du mouvement qu’éprouve le sédentaire. Elle consiste à rester en toute circonstance vacante et disponible, à ne pas mobiliser l’attention sur un objet précis, mais à laisser “flotter” afin que les informations la pénètrent sans filtre, sans a priori, jusqu’à ce que des points de repères, des convergences, apparaissent et que l’on parvienne alors à découvrir des règles sous-jacentes”.

O pesquisador caminhou por muito tempo, por uma tarde ensolarada, descobrindo Balzac ou Géricault no acaso das vias que aqui se chamam de avenidas ou caminhos. Ele meditou sobre a arquitetura funerária, decifrou os epitáfios, leu os símbolos, maçônicos entre outros, apreciou as esculturas, se deixando levar pelo charme do cemitério (PÉTONNET, 1982, p. 40, tradução minha)¹¹.

Todavia, se até esse momento a proposta de Pétonnet converge com a “etnografia de passagem”, a frequência constante ao Père-Lachaise permitiu que a antropóloga ultrapassasse em muito uma suposta reafirmação da heterogeneidade e fragmentariedade das paisagens urbanas. Conquanto a autora não realize um estudo antropológico sistemático do cemitério parisiense, mas sim reflita sobre a etnografia urbana em geral, lhe foi possível decifrar algumas das “regras subjacentes” da cultura dos frequentadores do cemitério. Por exemplo, notou como o local é fonte de reflexão e conhecimento sobre a história cultural de Paris, uma espécie de repositório da memória coletiva. Dito de outro modo, a autora percebeu padrões e regras em um cenário aparentemente fragmentário.

Mais importante, o artigo de Pétonnet descreve uma primeira incursão de um antropólogo para além dos limites que etnografia “tradicional” impõe à pesquisa urbana – a autora constata os desafios da pesquisa na cidade e pensa em como superá-los, ao contrário de procurar transplantar métodos tradicionais de pesquisa antropológica para a ambiência urbana. As respostas desse exercício epistemológico, em geral, apontam para as ideias de deslocamento e da construção livre de trajetos urbanos, combinadas à observação sensível – todos elementos da teoria do *flâneur* de Walter Benjamin.

A crescente importância da antropologia urbana e seu desenvolvimento como área de

conhecimento nas Ciências Sociais impulsionou, na década seguinte à publicação de Pétonnet, a produção de pesquisas mais sistemáticas, que articulam uma ideia de etnografia bastante similar à da autora.

Em nível nacional, é imprescindível a alusão ao trabalho de Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Ambas conduzem, desde 1997, uma pesquisa intitulada “Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo”. O projeto, que tem como inspiração as “obras científicas e literárias sobre o ‘passar e caminhar” (ECKERT; ROCHA, 2003, p. 2), marca, na perspectiva deste artigo, a linhagem benjaminiana brasileira do pensamento etnográfico.

Nesse contexto de pesquisa, e influenciadas pelas ideias de Pétonnet, Eckert e Rocha (Ibidem) introduzem a proposta que denominam como “etnografia de rua”. Nela, a *flânerie* torna-se, para o etnógrafo, modo privilegiado de “experimentar” e de conduzir suas investigações na ambiência urbana, donde se nota a forte influência de Benjamin. De fato, afirmam as autoras que a etnografia de rua consiste em

um deslocamento [do pesquisador] em sua própria cidade, o que significa dizer, dentro de uma proposta benjaminiana, que ela afirma uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir do paradigma estético na interpretação das figuras da vida social na cidade (Ibidem, p. 3).

De certo, é o deslocamento do pesquisador o elemento central da “etnografia de rua”. Essas caminhadas, sem destino fixo, não são, porém, inocentes. Nelas, o analista da diversidade, como *flâneur*, é municiado de grande sensibilidade. Sua atenção é “flutuante”, todavia seus cinco sentidos são mobilizados na

11 No original: “Le chercheur marcha longtemps, par un après-midi ensoleillé, découvrant Balzac ou Géricault au hasard des allées qui s'appellent ici avenues ou chemins. Il médita sur l'architecture funéraire, déchiffra des epitâphes, lut des symboles, maçonniques entre autres, apprécia des sculptures, se lassant au charme du cimetière”

interpretação das figurações sociais e paisagísticas – o pesquisador vê, ouve, cheira e prova o gosto e as texturas do urbano.

Metodologicamente, a proposta das autoras ultrapassa em muito a de Pétonnet. Se esta procurou refletir sobre os desafios do trabalho de campo antropológico na grande cidade, a “etnografia de rua” não apenas gera problemáticas, mas lhes fornece respostas mais concretas. Cabe notar, em primeiro lugar, o estímulo ao uso de equipamentos audiovisuais nesse tipo de pesquisa. Ao capturar as imagens e sons das cidades, o etnógrafo torna-se intérprete dos dramas sociais urbanos – determina enquadramentos, seleciona o material a ser utilizado e também interage com seu objeto de estudo. Tal prática é forte indicativo de que a “etnografia de rua” possui um caráter altamente reflexivo, pois, nela, o pesquisador “constrói seu conhecimento *na e pela* imagem que ele com-partilha, ou não, com os indivíduos e/ou grupos sociais por ele investigados” (Ibidem). Assim, a ideia de *deslocamento* possui um alcance maior do que o simples movimento físico do pesquisador nas ruas da cidade e torna-se ponto de reflexão sobre sua *situação* etnográfica, pois o analista urbano, ao estudar sua própria cultura, observa o Outro, mas também observa a si mesmo, em um processo de reciprocidade cognitiva.

Já em relação ao que Pétonnet (1982) chamou da descoberta de “regras subjacentes” da cultura estudada, Eckert e Rocha (2003) salientam que as “mudanças e permanências” da dinâmica cultural só podem ser notadas por meio de caminhadas constantes ao longo da região de estudo. É durante os diversos e frequentes deslocamentos que a experiência etnográfica ganha sentido.

Se o trabalho de Eckert e Rocha é importantíssima referência brasileira da linhagem

benjaminiana do pensamento etnográfico, autores estrangeiros também trazem grandes contribuições. Seria interessante invocar aqui o trabalho de Jenks e Neves (2000), que publicaram o artigo “A walk on the wild side: urban ethnography meets the flâneur”.

A pesquisa procura formar as bases para uma equalização entre etnógrafo urbano e *flâneur*. Assim, Jenks e Neves propõem seis similaridades, ou melhor, seis paralelos que “apontam uma convergência de desejo, uma coerência metafórica” entre ambos (JENKS; NEVES, 2000, p. 4). Por exemplo, os autores argumentam que ambos possuem um interesse especial pelos tipos oprimidos da cidade, ou, ainda, apontam a semelhança entre o ritmo peculiar das caminhadas do *flâneur*, a levar “tartarugas a passear pelas galerias”, e o ritmo do trabalho etnográfico, cuja pesquisa “não pode ser conduzida com pressa nem na velocidade da convenção”¹² (JENKS; NEVES, 2000, p. 4, tradução minha).

A perspectiva de Jenks e Neves (Ibidem) é um tanto diversa daquela da “etnografia de rua”. Todavia, as propostas compartilham importantes premissas. Em primeiro lugar, a influência da obra de Walter Benjamin, em ambos os trabalhos, sugere uma pesquisa etnográfica na qual o olhar do pesquisador ganha proeminência e a interpretação dos tipos sociais e das paisagens urbanas é fundamental. Em segundo lugar, a ideia do deslocamento se faz central também na proposta de Jenks e Neves. A caminhada do etnógrafo, inspirada na *flânerie*, é comparada à ideia de “deriva” de Guy Debord (1958), na qual o pesquisador seria como que “tragado” pelos eventos da vida na grande cidade. Em terceiro lugar, se Eckert e Rocha (Ibidem) comentam sobre a apreensão das “mudanças e permanências” culturais pela

12 No original: “Le chercheur marche longtemps, par un après-midi ensoleillé, découvrant Balzac ou Géricault au hasard des allées qui s'appellent ici avenues ou chemins. Il médita sur l'architecture funéraire, déchiffra des épitaphes, lut des symboles, maçonniques entre autres, apprécia des sculptures, se lassant au charme du cimetière”

constante frequência à região de estudo, Jenks e Neves (Ibidem) falam do reconhecimento dos “pontos nodais” (*nodal points*), imagens herméticas que contém em si os signos para o deciframento da cultura. Finalmente, o caráter fortemente reflexivo da prática da “etnografia de rua” também se faz presente na concepção etnográfica de Jenks e Neves. Se para Eckert e Rocha (Ibidem) o etnógrafo é “intérprete” de si e do Outro, o etnógrafo de Jenks e Neves é o “tradutor” das culturas urbanas e exímio leitor da linguagem da cidade.

Outra importante referência desse perfazimento entre a figura do *flâneur* e do etnógrafo urbano é a proposta de Charles Soukup. Em seu artigo “The postmodern ethnographic flâneur and the study of hipermediated everyday life”, Soukup (2013) apresenta princípios para a pesquisa etnográfica na metrópole com referência, igualmente, à obra benjaminiana e à teoria do *flâneur*. Tais princípios convergem, em grande parte, tanto para a proposta da “etnografia de rua” como para a de Jenks e Neves (Ibidem).

Primeiramente, cabe notar a mesma prevalência de um paradigma estético nas andanças do *flâneur* etnográfico. Também aqui é o olhar sensível e atento do *flâneur* que permite ao etnógrafo captar o que há de mais efêmero na cultura da grande metrópole. A fugacidade das imagens cotidianas da urbe, como comenta o autor, só ganha sentido por meio de caminhadas pacientes, nas quais o etnógrafo está aberto para o inesperado. A constância dessa prática leva, nessa perspectiva, ao que o autor chama de *insights*, ou “epifanias” – momentos de revelação de regras e imagens da cultura – algo bastante próximo às ideias das outras propostas sobre a percepção dos “pontos nodais” e das “mudanças e permanências” culturais. A reflexão sobre a prática etnográfica é igualmente fundamental na concepção de Soukup (Ibidem), que afirma que o estudo de contextos sociais pós-modernos requer uma singular e complexa “autorreflexividade”, pois

neles o etnógrafo participa da própria cultura que estuda, cujas performances, altamente rotinizadas, são também as dele próprio.

É notório que também existem muitas diferenças entre as propostas. Por exemplo, Eckert e Rocha (Ibidem) fazem alusão à sensibilidade do *flâneur* e do etnógrafo de rua, sensibilidade que não se restringe apenas ao olhar, mas abrange também os outros sentidos na interpretação das culturas urbanas. Já Jenks e Neves (Ibidem), e especialmente Soukup (Ibidem), em abordagens declaradamente pós-modernas, dão maior enfoque ao olhar e à imagem. Também vale ressaltar que Eckert e Rocha (Ibidem) apresentam uma de suas experiências com a “etnografia de rua”, o que torna seus resultados mais concretos e evidentes do que os dos outros autores.

Por fim, a ideia de deslocamento – questão que atravessa todas as propostas até agora discutidas – é articulada, nos artigos de Jenks e Neves (Ibidem) e de Soukup (Ibidem), também no âmbito da escrita. Se Eckert e Rocha (Ibidem) inovam ao dar maior enfoque ao uso de recursos audiovisuais em etnografias urbanas, estes autores propõem uma nova escrita etnográfica, que reflita diretamente a experiência da deambulação pela cidade, intrinsecamente estética e fragmentária.

Da fragmentação cultural à fragmentação textual

O fragmento, como caco, ruína, texto ou citação, é uma ideia extremamente cara a Walter Benjamin. Influenciado pelo Barroco e pelo Romantismo Alemão¹³, o autor apropriou-se muitas vezes do fragmento como construto textual. O caráter fragmentário de sua obra certamente encontrou seu ponto mais alto no inacabado Projeto das Passagens, cuja primeira publicação, de 1982, conta com uma parte inédita que, na edição brasileira, ganhou o título de “Notas e Materiais” e constitui “um

verdadeiro labirinto textual, com milhares de fragmentos e ocupando cerca de 9/10 do volume” (BOLLE, 1994, p. 51).

O formato fragmentário dessa imensa obra é uma questão que permanece em aberto para os comentadores de Benjamin¹⁴, visto que o autor nunca chegou a concluir o projeto. É notável, porém, uma asserção contida em um de seus fragmentos, frequentemente mencionado por analistas. Por meio dela, o autor afirma:

Método deste trabalho – montagem literária. Não tenho nada a dizer, somente mostrar. Não suprirei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os (BENJAMIN, 2006, p. 502, grifos meus).

Assim, é evidente que a montagem literária, o uso dos farrapos e resíduos da escrita, é ideia bastante significativa para Walter Benjamin, e se constitui mais uma maneira por meio da qual *opera* seu pensamento. Não se trata, porém, de mero artifício estético, ou de uma característica exclusivamente formal de seus escritos. Se o fragmento constituiu gênero e, especialmente, *método* do movimento do Romantismo Alemão, assim também se constitui na obra de Benjamin. Em outras palavras, para os românticos de Jena e para Benjamin, o fragmento é a forma ideal de expressão do conteúdo de suas ideias.

Nesse sentido, vale recuperar a colocação de Machado sobre o método benjaminiano de montagem literária que, segundo ele, “se opõe radicalmente ao formalismo da exposição metodológica tradicional (abstrata, *desconectada* da construção específica do objeto analisado” (MACHADO, 2010, p. 136, grifo

meu). Aqui, o autor utiliza-se acertadamente da expressão “desconectada”, pois Benjamin, por meio da utilização de fragmentos na escrita, pretende justamente conectar seu discurso à natureza do objeto que toma para análise. Isso acontece, por exemplo, em seus escritos sobre a cidade. Com efeito, é possível observar essa inclinação do autor para a escrita fragmentária, particularmente no conjunto de textos escritos entre 1923 e 1926, denominado *Rua de mão única* (no original, *Einbahnstraße*).

Essa obra é vista por comentadores como um exercício preparatório para as *Passagens* (BOLLE, 1994; MACHADO, 2010). Bolle (1994) evidencia como a construção do livro se dá em função da busca do autor por uma nova forma de escrita, que condiga com a modernidade. Também salienta como os títulos que encabeçam os pequenos textos que compõem *Rua de mão única* são uma forma irônica por meio da qual Benjamin trata os textos urbanos. Isso porque esses títulos “reproduzem o idioma da mercadoria” (BOLLE, 1994, p. 276) – são citações da linguagem da cidade, utilizadas de forma crítica.

Tais fragmentos textuais parecem ter sido coletados em andanças do autor pelas cidades europeias, como se, ao longo de seu deslocamento como *flâneur* pelas ruas, avenidas, calçadas e bulevares, Benjamin lesse a cidade como um texto e recolhesse seus fragmentos: passa pelo “Posto de gasolina”, pela casa “Nº 113”, por um “Canteiro de Obras”, por um local onde se fazem “Trabalhos de subsolo”, por uma venda de “Artigos de papelaria”... A observância ao índice de *Rua de mão única* (Quadro 1) traduz com clareza esta experiência:

13 O fragmento, como ideia e instrumento, é elemento primordial do Romantismo Alemão ou Romantismo de Jena, que encontra seu apogeu no século XIX e é estudado por Benjamin em sua tese de doutoramento, *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*, de 1919. As concepções do movimento sobre a forma fragmentária ecoam, então, de maneira profunda na obra de Benjamin (OLIVEIRA, 2016). Isso acontece também com o Barroco, explorado em sua tese de livre-docência a *Origem do Drama Barroco Alemão*. Nesse caso, é a ideia de alegoria que ganha proeminência.

14 Comentadores do Projeto das Passagens apontam que esses escritos inéditos compreendem, na verdade, o resultado de uma coleta de materiais realizada por Benjamin, uma “planta de construção” (BOLLE, 1994) ou um *working lexicon* (BUCK-MORSS, 2002) do que viria a ser a obra, e não a obra em si.

Quadro 1
Índice de Rua de mão única

Índice	
Posto de gasolina	Antiguidades
Sala de desjejum	Relógios e ourivesaria
Nº 113	Lâmpada de arco
Para Homens	Guichê de achados e perdidos
Relógio normal	Parada para não mais de três carruagens
Volte para casa! Tudo perdoado!	Monumento ao guerreiro
Casa mobiliada. Príncipesca. Dez cômodos	Alarme de incêndio
Porcelanas da China	Lembranças de viagem
Luvas	Oculista
Embaixada mexicana	Brinquedos
Estas plantas são recomendadas à proteção do público	Policlínica
Canteiro de Obra	Estas áreas são para alugar
Ministério do interior	Artigos de escritório
Bandeira.....A meio pau	Fardos: expedição e empacotamento
Panorama imperial	Fechado para reforma!
Trabalhos de subsolo	Restaurante automático “augias“
Cabeleiros para damas difíceis	Comércio de selos
Atenção: degraus!	Si parla italiano
Guarda-livros juramentado	Primeiros socorros técnicos
Material escolar	Quinquilharias
Alemão bebe cerveja alemã!	Conselho fiscal
Proibido colar cartazes!	Assistência judiciária para indigentes
Nº 13	Sineta noturna para médico
Armas e munição	Madame Ariane, segundo pátio à esquerda
Primeiros socorros	Vestiário de máscaras
Arquitetura interna	Agência de apostas
Artigos de papelaria	Cervejaria
Artigos de fantasia	Mendigos e ambulantes proibidos!
Ampliações	A caminho do planetário

Fonte: Elaborado a partir de Benjamin (2011a).

Pela análise de *Rua de mão única* é possível notar que, de fato, o *flâneur* observa um cenário fragmentado, cheio de imagens e textos, placas e luminosos, mas também diferentes odores, sons, gostos e texturas. Benjamin e *flâneur* traduzem esses cenários urbanos, altamente fragmentários, e os interpretam por meio de um discurso de igual natureza, ou seja, fragmentário.

Magnani (2002) também se refere à estética fragmentária da cidade ao problematizar a

etnografia de passagem. Comenta que, nessa prática, o etnógrafo se desloca “deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz”. Observa igualmente que “o relato final, geralmente na forma de ensaio, termina por expressar essa experiência [de fragmentação]” (MAGNANI, 2002, p. 13). Mais importante, refere-se ao conteúdo da “etnografia de passagem” em forma escrita, conteúdo que apenas replicaria a

heterogeneidade da cidade, em vez de indicar os padrões e regras subjacentes a essa primeira e complexa imagem que o ambiente urbano oferece ao seu investigador.

Não obstante, em especial na literatura estrangeira, pude notar a presença de autores que advogam, em uma perspectiva benjaminiana, pelo uso de fragmentos no texto etnográfico. Assim argumentam Jenks e Neves (2000), para quem a reflexividade na pesquisa urbana acontece não apenas em campo, mas também nas formas de escrever etnografias. Sendo o *flâneur* e também o etnógrafo pós-moderno “leitores da cidade”, os autores sustentam que a etnografia pós-moderna ganha forma em textos construídos por (e com) fragmentos de discursos recolhidos dos interlocutores, da paisagem urbana e do pesquisador, ou seja, fragmentos de narrativas e imagens. Nesse sentido, a reflexividade da pesquisa etnográfica reverbera-se em um discurso polifônico, um texto marcado pela erupção de diversas vozes, nos termos de James Clifford (2011). Porém, cabe notar que o texto de Jenks e Neves (Ibidem) não traduz formalmente seu pleito. Pelo contrário, os autores apresentam um artigo acadêmico de formato bastante tradicional.

Soukup (2013), em sua proposta do “flâneur etnográfico”, advoga igualmente pelo discurso etnográfico fragmentário e, ao contrário de Jenks e Neves (Ibidem), faz refletir seu pleito em sua escrita. Ao propor seus cinco princípios para a prática etnográfica urbana, afirma que o pesquisador deve “representar o pós-modernismo em cultura escrita” (SOUKUP, 2013, p. 228), pois “se a vida cultural contemporânea é efêmera e fragmentada, a escrita etnográfica deve representar esta experiência” (Ibidem, p. 245). Em vista disso, ao longo de seu artigo o autor insere “vinhetas” de caráter cinematográfico, excertos

de textos, falas de programas televisivos, letras de música e trechos de seu diário de campo, no intuito de trazer “mais para perto do leitor” a experiência urbana de fragmentação cultural. Soukup é altamente influenciado por Benjamin nesse ponto, e afirma: “Como minha experiência de *flânerie* foi tremendamente fragmentada e desarticulada, a escrita também é contraditória e ambígua, talvez até mesmo confusa” (Ibidem, p. 245, tradução minha)¹⁵.

Ao reiterar diversas vezes ao longo de seu texto a ideia de que a experiência cultural da pós-modernidade é fragmentada, Soukup refere-se não apenas à profusão de imagens ou de outros elementos sensoriais da cidade, mas também, e especialmente, às práticas e processos dessa(s) cultura(s). Seu texto tem início com uma “vinheta” sobre “Julie”, personagem que não se sabe ser fictício ou não, porém cujas práticas culturais certamente são representativas das de muitos dos indivíduos metropolitanos. Julie está em Chicago e se desloca por uma rua movimentada, enquanto escuta algumas das 4.500 músicas salvas em seu iPod. Ao entrar em um Starbucks, um dos cafés mais populares do país, pede um *latte*, senta-se e abre seu computador. No café, uma coletânea de músicas selecionadas pelo estabelecimento toca nas caixas de som, e uma televisão de tela plana, sem som, exhibe as mais variadas notícias do dia. Seu computador conecta-se automaticamente na rede de internet Wi-Fi do café e, então, ela checa seus e-mails de trabalho; é quando seu celular toca – um amigo de Denver queria falar-lhe. Diante desse contexto, Soukup se pergunta:

De uma perspectiva cultural, onde está Julie? Qual é/quais são sua(s) cultura(s)? É o Starbucks? É a comunidade virtual da Internet? É a cultura televisiva e de auditório da música, televisão, etc.? É a cultural organizacional de seu trabalho? É a cultura relacional

15 No original: “As my experience of *flânerie* was tremendously fragmented and disjointed, the writing is also contradictory and ambiguous, perhaps even confusing”.

desenvolvida com seu amigo Jack? (SOUKUP, 2013, p. 227, tradução minha)¹⁶.

Essa vinheta torna mais evidente a ideia da fragmentariedade das práticas culturais contemporâneas nas grandes metrópoles. Na visão de Soukup (Ibidem), esse cenário, que se constitui das mais variadas práticas culturais, “experenciadas” de maneira concomitante e rotinizada pelos habitantes da metrópole, evidencia uma cultura pós-moderna de fronteiras “borradas” ou “turvas”. Em outras palavras, de uma perspectiva cultural, não é possível determinar exatamente onde está Julie. Ao contrário, deve-se aceitar que as culturas das quais ela faz parte não podem ser circunscritas de maneira clara – Julie vive fragmentos destas culturas a todo momento e ao mesmo tempo. Assim, na abordagem do autor, o etnógrafo que tem por objeto de estudo a cultura urbana pós-moderna deveria fazer refletir em sua escrita etnográfica a natureza fragmentária dessas experiências culturais.

Entretanto, a perspectiva de Soukup não é singular, tampouco inédita, e existem outros autores que propuseram esse tipo de escrita etnográfica antes dele. É o caso, por exemplo, de Simon Gottschalk¹⁷ (1995), em seu texto “Fragmentos etnográficos em espaços pós-modernos” (“Ethnographic fragments in postmodern spaces”). Nesse artigo, o autor apresenta os resultados de uma etnografia realizada na cidade de Las Vegas¹⁸. Formalmente, seu texto justapõe fragmentos de diversas espécies, imagens e textos, trechos de diário de campo e, em especial,

citações que dividem as partes do artigo, excertos semelhantes a epígrafes, porém que compõem os textos que os seguem, como prelúdios.

É interessante notar que, apesar de o autor não citar ou fazer qualquer referência a Benjamin, seu artigo tem preocupação semelhante à do crítico literário de *Rua de mão única* – a leitura da cidade. Gottschalk (Ibidem) analisa Las Vegas como um “texto superlativo”, e dá especial atenção às mensagens dos *outdoors* e *luminosos* que, como coloca, tendem sempre a apresentar seus produtos e serviços como “o melhor”, “o maior”, o “mais excitante”, o “mais sensual”. Da mesma forma, essa “obsessão pelo superlativismo” do texto urbano de Vegas é espelhada na arquitetura da cidade, principalmente ao longo de sua rua principal, a Strip:

Esta obsessiva glorificação do superlativismo, que é materializada na própria estrutura física e no arranjo espacial da Strip, é explicitamente adotada por executivos de cassinos e pela mídia. Assim, enquanto os empreiteiros da Bob Stupak Tower alegam que ela será a “mais alta estrutura no mundo”, uma placa gigante em uma loja próxima anuncia que esta é “A Maior Loja de Souvenirs do Mundo” (GOTTSCHALK, 1995, p. 197, tradução minha)¹⁹.

Pode-se dizer que a etnografia que Gottschalk, apesar de influenciada principalmente pelos trabalhos de Jean Baudrillard e George E. Marcus, está em uma espécie de “comunhão secreta” com a obra benjaminiana, pois o autor também faz uso do fragmento textual e imagético como *operador* de seu pensamento.

16 No original: “From a cultural perspective, where is Julie? What is/are her culture/s? Is it the Starbucks? Is it the virtual community of the Internet? Is it the televisual and auditory popular culture of music, television, etc.? Is it the organizational culture of her job? Is it the relational culture developed with her friend Jack?”.

17 Gottschalk é professor do departamento de Sociologia da Universidade de Nevada, em Las Vegas. O autor trabalha com teoria crítica da interação simbólica e métodos de pesquisa qualitativos. Assim como Soukup, pesquisa atualmente questões da tecnologia e da comunicação mediada.

18 Vale notar que a cidade de Las Vegas, primordialmente nos anos 1990, é alvo de estudos de diversos pesquisadores norte-americanos pós-modernos. No próprio artigo de Gottschalk (1995, p. 195), o autor afirma: “Vários autores interessados no pós-modernismo sugerem que Las Vegas é um local particularmente estratégico que promove, e mesmo exagera, a lógica pós-moderna e a “estrutura da percepção (*structure of feeling*)”. Autores referenciados mais à frente neste artigo, como Andrew Wood (2005) e Kurt Borchard (1998), dentre outros, também tomam a cidade norte-americana como objeto de estudo, em análises muito próximas à de Gottschalk.

Essa sua perspectiva é justificada por três razões. Primeiramente, o autor salienta não ser sua pretensão que os fragmentos do texto formem uma “história” coerente e integrada. Ao contrário, afirma que esses fragmentos fizeram parte de sua *trajetória* etnográfica e, assim, as “interações efêmeras, entrevistas não-estruturadas, insights pós-modernos, interrupções televisivas e autor-reflexões” são *justapostos* em seu texto (Ibidem, p. 224, tradução minha)²⁰, em um movimento bastante similar ao de *Rua de mão única*.

Em segundo lugar, o autor denomina esses “contos”²¹ etnográficos como “fragmentos” pois essas experiências mudam rapidamente de natureza e transitam entre o privado e o global, entre o “Eu” e o “Outro”, entre o real e o simulado. Assim, os excertos indicam como, no domínio pós-moderno, podemos experienciar “mo(vi)mentos rápidos e desconectados não apenas através da tela da televisão, mas também através de uma variedade de telas da vida cotidiana” (Ibidem, p. 224, tradução minha)²².

Por fim, Gottschalk (Ibidem) aponta que a escrita construída pela justaposição de fragmentos pode representar experiências de cunho pessoal, denotando à pesquisa um alto grau de subjetividade e também de reflexividade, uma vez que essas experiências do “Eu” fundem-se com a dos “Outros” na pesquisa urbana.

Existem outros etnógrafos urbanos que, nas trilhas de Gottschalk, defendem etnografias cujas formas textuais condigam com seu objeto de estudo e advogam, igualmente, pelo

uso de fragmentos de escrita da cidade no texto etnográfico, ou mesmo pelo uso de fragmentos visuais e sonoros, no caso de pesquisas nas quais se faz uso de equipamentos audiovisuais. Em geral, pode-se dizer que estes autores ora dão proeminência à fragmentariedade da profusão de imagens e de outros elementos sensoriais da urbe (BORCHARD, 1998; CANEVACCI, 2004; GOTTSCHALK, 1995; WOOD, 2005), ora ressaltam a experiência cultural fragmentada pelo advento de novas tecnologias (GOTTSCHALK; SALVAGGIO, 2015; SOUKUP, 2013).

Assim, a escrita fragmentária de Benjamin não influencia apenas perspectivas da “pós-modernidade”, mas também propostas de pesquisa mais contemporâneas, e é justamente a observância a essas outras literaturas que permite a enunciação das linhagens benjaminianas do pensamento etnográfico.

Linhagens benjaminianas do pensamento etnográfico: pós-modernidade e mobilidade²³

Em face desse panorama literário, pude constatar que as propostas apresentadas compartilham importantes pontos de intersecção. Todavia, apresentam também importantes nuances de perspectiva. Por um lado, artigos estrangeiros se enquadram eles mesmos em uma perspectiva antropológica pós-moderna, altamente influenciada por autores como Jean Baudrillard, Zygmunt Bauman, Marc Augé,

19 No original: “This obsessive glorification to superlativism, which is materialized in the very physical structure and spatial arrangement of the Strip, is explicitly embraced by casino executives and the media. Thus, while builders of the Bob Stupak Tower claim that it will be the ‘tallest structure in the world’, a gigantic sign in a store nearby announces that it is ‘The World’s Largest Gift Shop’”.

20 No original e na íntegra: “I call the present tales ‘fragments’ for three interrelated reasons: First, they are not intended to cohere into an integrated story that would claim to represent some sort of final and comprehensive ‘truth’ (...). On the contrary, following various trajectories and arresting moments, I produce these subjective fragments by juxtaposing together fleeting interactions, unstructured interviews, post-modern insights, television interruptions, and self-reflexions”.

21 Referência à obra de Van Maanen, bastante conhecida nos Estados Unidos, *Tales of the Field*.

22 No original e na íntegra: “They indicate that, as postmodern subjects, we might increasingly experience rapid and disconnected mo(ve)ments not solely across television screens, but also across a wide variety of screens *and the everyday*”.

23 Foi o estudo de Eckert e Rocha (2013a) sobre o desenvolvimento da antropologia urbana no Brasil que inspirou o uso da terminologia “linhagem”.

entre outros. Em suas propostas, as metrópoles contemporâneas são apresentadas, por um lado, como produto do desenvolvimento e da intensificação de certos elementos qualitativos atribuídos às cidades modernas, como as de Benjamin e de Georg Simmel. Assim, formas de sociabilidade e de arranjos culturais conferidas à cidade moderna são igualmente conferidas às metrópoles pós-modernas, porém em configurações mais extremadas. Como exemplo, fala-se ainda do individualismo; do embotamento dos sentidos pela profusão de imagens e sons da cidade; da desconexão entre indivíduo e espaços metropolitanos; dos efeitos de uma sociedade dominada pelo capital e de uma vida pautada pelo dinheiro etc.

Por outro lado, essa literatura da “pós-modernidade” dá grande atenção a fenômenos que consideram próprios das metrópoles atuais.

Nesse sentido, privilégio é dado ao estudo das tecnologias da informação e das novas configurações culturais que delas advém. Dá-se igual enfoque à questão da globalização e da turvação de fronteiras culturais, identitárias e sociais. Daí emerge com maior força a ideia de uma cultura urbana fragmentada, de limites pouco claros, que exige novas formas de investigação.

É evidente que, nos limites deste artigo, seria possível apenas nuançar algumas dessas propostas e a maneira pela qual articulam a obra de Walter Benjamin, ou seus operadores urbanos (a teoria do *flâneur* e o fragmento). No Quadro a seguir, procuro ampliar os horizontes do que denomino como linhagem benjaminiana do pensamento etnográfico “pós-moderno” e ofereço outros artigos e obras cujas abordagens são bastante próximas às das propostas já analisadas:

Quadro 2
Linhagem benjaminiana do pensamento etnográfico “pós-moderno”

Texto	Espécie	Autor	País	Revista/livro	Ano
“Ethnographic fragments in postmodern spaces”	Artigo	S. Gottschalk	Estados Unidos	<i>Journal of Contemporary Ethnography</i>	1995
“Between Hard Rock and postmodernism: opening the Hard Rock”	Artigo	K. Borchard	Estados Unidos	<i>Journal of Contemporary Ethnography</i>	1998
“Watching your step: the history and practice of the flâneur”	Livro	C. Jenks	Inglaterra	<i>Visual Culture</i>	1998
“The flâneur, the city and virtual public life”	Artigo	M. Featherstone	Inglaterra	<i>Urban Studies</i>	1998
“A walk on the wild side: urban ethnographer meets de flâneur”	Artigo	C. Jenks; T. Neves	Inglaterra	<i>Journal for Cultural Research</i>	2000
“Sex and the City: a visible flâneuse for the postmodern era?”	Artigo	H. Richards	Inglaterra	<i>Continuum: Journal of Media & Cultural Studies</i>	2003
“Metrópole comunicacional”	Artigo	M. Canevacci	Itália	<i>Revista USP</i>	2004
“‘What happens [in Vegas]’: performing the post-tourist flâneur in ‘New York’ and ‘Paris’”	Artigo	A. Wood	Estados Unidos	<i>Text and Performance Quarterly</i>	2005
“The postmodern ethnographic flâneur and the study of hyper-mediated everyday life”	Artigo	C. Soukup	Estados Unidos	<i>Journal of Contemporary Ethnography</i>	2013
“Stuck inside of a mobile: ethnography in no places”	Artigo	S. Gottschalk; M. Salvaggio	Estados Unidos	<i>Journal of Contemporary Ethnography</i>	2015

Fonte: Elaborado pela autora ao longo do levantamento bibliográfico.

É importante notar que nem todos os artigos listados nesse quadro fazem referência direta à obra de Benjamin, porém todos articulam uma ou ambas as temáticas dos operadores urbanos já referenciados. Ressalte-se que os autores que têm como principal aporte teórico a obra benjaminiana, em geral, estabelecem uma relação direta entre a prática da etnografia urbana e a *flânerie*, além de argumentarem por e/ou fazerem uso de uma escrita etnográfica fragmentária. Esse é o caso dos artigos de Soukup (2013), Jenks e Neves (2000), Wood (2005), Richards (2003), Canevacci (2004) e, de certa maneira, Featherstone (1998). Esses autores dialogam entre si, não apenas pela natureza de suas propostas, mas, em alguns casos, por se citarem mutuamente. Já as pesquisas de Gottschalk (1995), Gottschalk e Salvaggio (2015) e Borchard (1998), apesar de não fazerem alusão a Benjamin, trabalham com ideias muito próximas às do *flâneur* e da escrita fragmentária.

Contudo, o caminhar, como prática da pesquisa na cidade, não é temática que marca somente uma linhagem pós-moderna de estudos. Identifico também essa abordagem em uma perspectiva que em geral é chamada de *mobilidade*. Trata-se de uma literatura que

se apropria da prática do “caminhar” e do “se deslocar” na cidade como método de pesquisa social. Nesse panorama, também existem muitas referências à obra de Benjamin e à ideia de *flânerie*. Não obstante, essa vertente de estudos adota uma série de outras referências, e a ideia da *flânerie* é apenas uma delas. Como menciona Middleton (2016, p. 2, tradução minha):

Nos últimos 15 anos, houve um crescente interesse no andar como método e prática. Isso se reflete em uma série de workshops e networks interdisciplinares, sessões de conferência e coleções editadas que exploram o caminhar como tópico e meio da pesquisa social. Estes engajamentos com o caminhar são múltiplos, sendo que este é entendido e conceituado de inúmeras e diferentes maneiras²⁴.

Middleton aponta que autores como Rossiter e Gibson (2003), Solnit (2001) e o próprio Walter Benjamin, se apropriam da *flânerie* como forma de investigação da ambiência urbana, em uma prática na qual, ao longo do movimento pedestre, o pesquisador “lê” a cidade (MIDDLETON, 2016, p. 3).

O Quadro 3 fornece alguns exemplos de obras que se referem diretamente à ideia de *flânerie* ou à obra benjaminiana na linha da “mobilidade”:

Quadro 3

Linhagem benjaminiana do pensamento etnográfico da mobilidade

Texto	Espécie	Autor	País	Revista/livro	Ano
“L’observation flottante, l’exemple d’un cimetière parisien”	Artigo	C. Pettonet	França	<i>L’Homme</i>	1982
“Paris, or botanizing on the asphalt”	Capítulo de livro	R. Solnit	Estados Unidos	<i>Wanderlust: a history of walking</i>	2001
“The flâneur and transitivity”	Capítulo de livro	A. Amin; N. Thrift	Inglaterra	<i>Cities: reimagining the urban</i>	2002
“Sleepwalking in the modern city: Walter Benjamin and Sigmund Freud in the world of dreams”	Capítulo de livro	S. Pile	Inglaterra	<i>A companion to the city</i>	2003

(*Continua*)

24 No original: “Over the last 15 years, there has been a growing interest in walking as method and practice. This is reflected in a range of interdisciplinary workshops and networks, conference sessions and edited collections exploring walking as both a topic and mode of social research. These engagements with walking are multiple, with it being understood and conceptualised in numerous different ways”.

Quadro 3 – continuação

Texto	Espécie	Autor	País	Revista/livro	Ano
“Walter Benjamin, urban studies, and the narratives of city life”	Capítulo de livro	M. Keith	Inglaterra	<i>A companion to the city</i>	2003
“Walking and performing ‘the city’: a Melbourne chronicle”	Capítulo de livro	B. Rossiter; K. Gibson	Austrália	<i>A companion to the city</i>	2003
“Lo sguardo vagabondo: il flâneur e la città da Baudelaire ai postmoderni”	Livro	G. Nuvolati	Itália	<i>Lo sguardo vagabondo</i>	2006
“Walking as an aesthetic practice and a critical tool: some psychogeographic experiments”	Artigo	K. Bassett	Inglaterra	<i>Journal of Geography in Higher Education</i>	2004
“Le flâneur dans l’espace urbain”	Artigo	G. Nuvolati	Itália	<i>Revue Géographie et Cultures</i>	2009
“Walking again lively: towards an ambulant and conversive methodology of performance and research”	Artigo	M. Meyers	Inglaterra	<i>Mobilities</i>	2011
“The aesthetics of city strolling”	Artigo	H. Paetzold	Polônia	<i>Journal of Contemporary Aesthetics</i>	2013
“The flâneur: a way of walking, exploring and interpreting the city”	Capítulo de livro	G. Nuvolati	Itália	<i>Walking in the European city: Quotidian mobility and urban ethnography</i>	2014
“Snapshots of British islam: exploring self, identity, and the good ethical life in the global megalopolis”	Artigo	J. Billaud	Alemanha	<i>Journal of Contemporary Ethnography</i>	2016
“The socialities of everyday urban walking and the ‘right to the city’”	Artigo	J. Middleton	Inglaterra	<i>Urban Studies</i>	2016

Fonte: Elaborado pela autora ao longo do levantamento bibliográfico.

Mais uma vez, ressalte-se que esses são apenas alguns exemplos de autores que, na linhagem da “mobilidade”²⁵, tratam da obra benjaminiana. Como é possível notar pelas tabelas, em termos temporais, essa literatura coincide com a produção da linhagem benjaminiana pós-moderna e, de fato, seria difícil traçar diferenças concretas entre as perspectivas. Ambas são tratadas separadamente aqui apenas pelo fato de que os autores pós-modernos se definem como tais, assim a linha que as separa é bastante tênue e flexível.

Vale também salientar que a linhagem benjaminiana da “mobilidade” demonstra

uma aguda preocupação com a mobilização dos sentidos do etnógrafo ou estudioso da cidade ao longo do trabalho de campo. Nessa perspectiva, a linhagem também se aproxima das abordagens da antropologia dos sentidos (*sensuous anthropology*) e da Sociologia das Emoções. Esse viés sensível de pesquisa é altamente influenciado pela caracterização benjaminiana do *flâneur* como indivíduo que não apenas vê, mas sente os cheiros, ouve os sons, prova os gostos e texturas da urbe.

Ademais, a aproximação da figura do próprio Benjamin com a do *flâneur* corrobora a ideia de experiências sinestésicas na cidade. De fato, as descrições do autor sobre experiências

25 Os livros referenciados no quadro são fontes úteis para o aprofundamento do estudo sobre a temática, especialmente o título “Walking in the European city” (SHORTELL; BROWN, 2014), e também o livro *Mobility*, de Adey (2009). Ressalte-se que grande parte da literatura acadêmica da vertente da “mobilidade” é produzida na Inglaterra.

urbanas em *Rua de mão única* ou *Imagens do Pensamento* não deixam nenhum sentido de lado. Um fragmento de “Comer”, de *Imagens do Pensamento*, evidencia a diversidade de sentidos mobilizados por Benjamin na descrição de um prato moscovita, uma tradicional sopa de beterrabas que leva o nome de *borscht*. Nessa narração, Benjamin realiza uma expansão do sentido do paladar para outros órgãos que não apenas a língua. Assim, o *borscht* atua também nos olhos, nariz e fluxo sanguíneo, e transforma o ato de comer em uma experiência sinestésica total:

Primeiramente ele deposita em tua língua uma máscara de vapor. Muito antes de tua língua molhar a colher, teus olhos já lacrimejam, tuas narinas já pingam borscht. Muito antes que tuas entranhas se ponham à escuta e teu sangue seja uma onda que inunda teu corpo com a espuma perfumada, teus olhos já beberam da abundância rubra desse prato (BENJAMIN, 2011b, p. 205-206).

Em relação à literatura brasileira, sua divisão em diferentes linhagens de pensamento etnográfico é um pouco intrincada. Principalmente porque a produção nacional da antropologia urbana que se situa na interface do pensamento benjaminiano e da etnografia é significativamente menor do que a estrangeira. Assim, a quantidade de publicações estrangeiras, em especial na Inglaterra e nos Estados Unidos, *pode* indicar que os estudos estrangeiros apresentam um debate mais profícuo em relação ao potencial da obra Benjamin para a pesquisa etnográfica na cidade.

Tal inferência não é proposta como crítica. Os caminhos da antropologia urbana no Brasil certamente foram diferentes daqueles trilhados por antropólogos norte-americanos e ingleses em suas próprias cidades. Ademais, nosso longo histórico de exploração colonial e tantas outras particularidades de nossa história são fatores determinantes para o desenvolvimento de outra realidade sociocultural,

na qual nos posicionamos como um país “em desenvolvimento” e que, por muito tempo, foi objeto de pesquisa de antropólogos europeus. Quicá, por essa razão, nossa disciplina voltou-se para outras questões que lhe pareciam mais relevantes no âmbito dos estudos urbanos.

Não obstante, os autores brasileiros, cujas propostas seguem listadas mais à frente, parecem apresentar – e não me furto de fornecer aqui minha opinião pessoal – uma maior sofisticação ao articular o pensamento benjaminiano e as problemáticas da etnografia urbana. Nesse sentido, observei que as principais reflexões que tomam como aporte teórico a obra de Walter Benjamin são aquelas dos trabalhos de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert.

As próprias autoras nos dão, em seu texto sobre as linhagens antropológicas, as respostas para um possível enquadramento de seus trabalhos no panorama da antropologia urbana brasileira. Trata-se de uma linhagem da antropologia urbana que estuda “os territórios urbanos onde pulsa a vida cotidiana” (ECKERT; ROCHA, 2013a, p. 39), e cujas abordagens de pesquisa encerram as propostas de autores que dão proeminência à ideia de múltiplos deslocamentos na cidade, não só o caminhar do andarilho, mas o deslocamento do pesquisador em relação ao Outro, com o Outro, e também em relação a si mesmo. As autoras afirmam:

O jogo dialético que a etnografia aplica ao lugar urbano acompanha, no *trajeto*, as novidades da disciplina antropológica. *A prática do deslocamento em relação ao e com o outro na cidade promove, na “etnografia de rua”, a reciprocidade cognitiva. O antropólogo, como narrador a caminhar pela cidade* [referência a Eckert e Rocha, 2003], *como um flâneur*, compreende o evento etnográfico como um jogo da memória criativa [referência a Bolle, 1994, p. 367], um projeto compartilhado de ação no mundo da vida urbana, aberto a interpretações e ao reconhecimento crítico do *percurso analítico* (ECKERT; ROCHA, 2013a, p. 40, grifos meus).

Apesar de tratar separadamente as linha-gens estrangeiras e brasileira, é evidente que há convergências entre elas, como já procurei demonstrar na comparação entre o artigo de Eckert e Rocha (2003), e os de Jenks e Neves (2000) e Soukup (2013). Além das pesquisas dessas autoras, cabe invocar aqui também o trabalho de Silva (2009) que, apesar de não tomar como aporte teórico a obra de Benjamin, desenvolve com primazia as ideias de deslocamento e trajeto.

Silva ordena a prática etnográfica em três fases distintas, sendo que a primeira delas trata de *situar* o pesquisador. O termo “situação”, como destaca o próprio autor, diz respeito à “maneira pela qual uma coisa está disposta, situada ou orientada”; dito de outro modo, refere-se, especialmente, à ideia de *localização*, tanto em “relação com os atores sociais que observa [como] em seus deslocamentos nos territórios onde tais atores se localizam e transitam” (SILVA, 2009, p. 172).

Como busquei demonstrar, o *flâneur* como etnógrafo, ou como sua metáfora, tem sua *situação* bem definida em relação ao que e a quem observa na cidade. Ao mesmo tempo, situa-se distante e próximo dos atores sociais, imerso na multidão, porém fora dela. Mais ainda, em suas deambulações, ele tece seus próprios mapas urbanos, altamente influenciados pelos trajetos e itinerários do Outro. Para Silva (2009), isso é etnografia. Ressaltem-se os apontamentos que realizei sobre *Rua de mão*

única: Benjamin, como *flâneur*, desloca-se pela cidade a recolher fragmentos de sua linguagem, situando-se, concomitantemente, em relação ao sistema que organiza suas paisagens e modos de vida. Por meio de seu arranjo textual, o autor também nos conduz pelos territórios da metrópole, aproximando o leitor dessa experiência de deslocamento.

De certa forma, as colocações de Silva legitimam o aspecto etnográfico da obra benjaminiana, pois propõem que a etnografia seja um “relato de percurso” e que tal percurso seja a “espinha dorsal” do texto do antropólogo, linha organizadora que torna o material coletado “legível” (Ibidem, p. 171). Segundo o autor:

Difícilmente uma cidade se aninha em forma de modelo no cérebro de qualquer estudioso. É *espaço sobre o qual se anda e de onde se recolhem, na superfície, sinais que merecem leitura, ao mesmo tempo, ávida e cautelosa. O conhecimento da cidade é, portanto, um conhecimento produzido pelos percursos*. Ela nunca se destaca do observador e se oferece como um quadro no museu, para cuja contemplação adequada ele busca com seus passos que tateiam no chão, o lugar ideal, o ângulo perfeito (Ibidem, p. 174, grifo meu).

Isso posto, ofereço a seguir alguns exemplos de propostas brasileiras de pesquisa que se valem da produção intelectual de Benjamin ou que abordam as ideias de deslocamento e fragmentariedade de discurso etnográfico, nas linhas das pesquisas de Eckert e Rocha e de Silva:

Quadro 4
Linhagem benjaminiana do pensamento etnográfico brasileiro

Texto	Espécie	Autor	Revista/livro	Ano
Vozes do meio-fio	Livro	C. Milito; H. R. Silva	<i>Vozes do meio-fio</i>	1995
“Comunicação e diferença nas cidades”	Artigo	J. Caiafa	<i>Lugar Comum</i>	2002
“Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”	Artigo	C. Eckert; A. L. C. Rocha	<i>Iluminuras</i>	2003

(Continua)

Quadro 4 – continuação

Texto	Espécie	Autor	Revista/livro	Ano
“Aventura nas cidades: ensaios e etnografias”	Livro	J. Caiafa	<i>Aventura nas cidades</i>	2007
“No mercado tem tudo que a boca come”	Tese	V. Vedana	<i>Repositório digital da UFRGS</i>	2008
“A situação etnográfica: andar e ver”	Artigo	H. R. Silva	<i>Horizontes Antropológicos</i>	2009
“A cidade: sede de sentidos”	Capítulo de livro	C. Eckert; A. L. C. Rocha	<i>Etnografia da duração: estudos da memória coletiva nas coleções etnográficas</i>	2013b
“Etnografia da duração: estudos de memória coletiva”	Capítulo de livro	C. Eckert; A. L. C. Rocha	<i>Etnografia da Duração: estudos da memória coletiva nas coleções etnográficas</i>	2013c
“Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana”	Livro	C. Eckert; A. L. C. Rocha	<i>Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana</i>	2013d
“Ressonâncias de sobreposições temporais: etnografia no bairro Kreuzberg, Berlim (Alemanha)”	Artigo	C. Eckert; A. L. C. Rocha	<i>Illuminuras</i>	2014

Fonte: Elaborado pela autora ao longo do levantamento bibliográfico.

Conforme comentei em relação às linhagens estrangeiras, nem todos os trabalhos e autores listados na tabela fazem referência direta à obra benjaminiana, porém, articulam algumas das premissas que encerram os operadores urbanos “fragmento” e “flâneur”, além de darem especial atenção a uma ideia de deslocamento global, que envolve tanto o movimento físico quanto o epistemológico.

Considerações finais

Como afirmou Susan Sontag, Walter Benjamin teve uma “sutíl, aguda e fantasmagórica relação com as cidades” (SONTAG, 1986, p. 87), relação que foi parte integrante de sua vida e atravessou toda sua obra.

Sem dúvida, tal fato gerou grande interesse dos estudiosos do urbano em sua obra, e rica literatura foi produzida sobre o tema, sobretudo na Sociologia. Não obstante, a Antropologia mostrou-se mais tímida em relação à recepção do espólio intelectual de Benjamin. Isso se deu, em parte, devido ao interesse recente da disciplina pela cidade. Todavia, em meados dos

anos 1990 essa situação mudou, e antropólogos e etnógrafos passaram a articular ideias de Benjamin para o estudo de ambiências urbanas. As reflexões que evidenciam o potencial da obra benjaminiana para a pesquisa nas cidades contemporânea tornaram-se bastante profícuas na Europa e nos Estados Unidos a partir dessa época. Já no Brasil, somente nos anos 2000 tais perspectivas começam a emergir no âmbito dos estudos urbanos.

Nesse panorama, se me foi possível traçar linhagens benjaminianas de pensamento *etnográfico*, é mais difícil delimitá-las especificamente no âmbito da Antropologia. Apesar de a etnografia ser a “ideia-mãe” da disciplina (PEIRANO, 2014), é evidente que é “praticada” também por pesquisadores das outras áreas de estudo das Ciências Sociais. Dessa maneira, os artigos que apontei nesta revisão bibliográfica não são todos escritos por antropólogos, mas abordam questões importantes para a disciplina.

É relevante notar que, apesar de Benjamin ter escrito uma profusão de textos sobre cidades, são apenas certos conceitos e categorias seus que são articulados pelos autores aos quais

fiz referência. Assim, apresentei apenas os dois principais *operadores urbanos*, sua concepção de fragmento e sua teoria do *flâneur*. Não obstante, outros temas são também extremamente relevantes na maneira pela qual o autor pensa a cidade, porém não ganham tanta atenção de etnógrafos. Esse é o caso, por exemplo, de suas teorias da memória e da alegoria.

Ainda em relação aos operadores urbanos, observei que a ideia de fragmento é mais cara especialmente aos pós-modernos, pois estes concebem a cidade como um cenário estético e socialmente fragmentado. Nesse sentido, o texto de fragmentos de certa forma harmoniza o discurso com o objeto. Assim, argumento que, nessa linhagem, há grande preocupação com a *autoridade* dos textos etnográficos, para utilizar o termo de Clifford (2011).

Já a teoria do *flâneur* é operada de maneira mais contundente nas perspectivas da mobilidade. Aqui, a preocupação com as trajetórias e itinerários urbanos é que dá o tom aos estudos. Isso também acontece com as perspectivas brasileiras nas quais essas ideias têm um alcance mais amplo e se desdobram também para os territórios do Outro e do Eu. Afinal, não é apenas fisicamente que se deslocam, por exemplo, o etnógrafo de Silva (2009) ou o “etnógrafo de Rua” de Eckert e Rocha (2003) e, nestas propostas, salienta-se a necessidade de um deslocamento que impeça que o “hábito faça seu trabalho”.

Refiro-me aqui à proposição comum de que o estudo etnográfico deve lidar com realidades socioculturais distantes e estranhas ao etnógrafo. Com efeito, um dos grandes desafios do antropólogo urbano é fazer valer a máxima de Malinowski e “tornar o familiar em estranho e o estranho em familiar”. Isso porque a situação de um etnógrafo ocidental, habitante da grande cidade, que realiza seus estudos em uma tribo melanésia, é certamente muito diversa da situação na qual este mesmo etnógrafo estuda uma grande metrópole, ou mesmo a sua própria.

Autores de grande envergadura já trataram dessa problemática, como Velho (2009; 2013) e Strathern (2014), por exemplo. Na linhagem benjaminiana, Jenks e Neves (2000), e também Soukup (2013), não ignoram a questão e argumentam, mais uma vez, que a figura do *flâneur* inspira saídas para o “estranhamento” do etnógrafo em relação à sociedade estudada, no caso, a sua própria. Todavia, é na linhagem brasileira que essa questão encontra maior centralidade. Como comenta Silva (2009, p. 176):

O percurso do etnógrafo no campo deriva da conjunção exitosa ou atritada, isto é, pelos acordos e pelos entreveros entre a orientação que ele mesmo quer imprimir a seu itinerário e os itinerários permitidos, prescritos, previstos, aceitos pelos interlocutores/interagentes. Acordos que conduzem às melífluas fusões de horizontes ou a entreveros entrecortados de raios no horizonte e trovões sobre a cabeça.

Dito de outra maneira, habituado que é à cultura estudada, sua estética e dinâmica, o antropólogo urbano enfrenta dificuldades em tornar estranho o que lhe é familiar e revelar as “regras subjacentes” ou as “mudanças e permanências” de sua própria cultura. Porém, ao deslocar-se na cidade e construir seus percursos, entra em diálogo com os percursos do Outro. É apenas nas ruas que pode notar os “itinerários permitidos, prescritos, previstos, aceitos”, os territórios de pertencimento e não pertencimento; e, nesse seguimento, seu texto etnográfico também representa essa trajetória, a sua e a do Outro.

À vista destas breves considerações, argumento que seja possível afirmar que a obra de Walter Benjamin ainda possui grande potencial a ser liberado por antropólogos e etnógrafos da cidade, pois não apenas oferece perspectivas para o trabalho de campo na ambiência urbana, mas dá suporte para que o analista da diversidade possa refletir sobre os desafios e a construção teórica de sua própria disciplina.

Referências

- ADEY, P. *Mobility*. New York: Routledge, 2009.
- AMIN, A.; THRIFT, N. *Cities: reimagining the urban*. Cambridge: Polity, 2002.
- BASSETT, K. Walking as an aesthetic practice and a critical tool: some psychogeographic experiments. *Journal of Geography in Higher Education*, Abingdon, v. 28, n. 3, p. 397-410, 2004.
- BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. In: DUFILHO, J.; TADEU, T. (Org.). *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 152 p.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- _____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2011a.
- _____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011b.
- BILLAUD, J. Snapshots of British islam exploring self, identity, and the good ethical life in the global megalopolis. *Journal of Contemporary Ethnography*, Thousand Oaks, v. 45, n. 5, p. 503-528, 2016.
- BOLLE, W. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BORCHARD, K. Between a hard rock and postmodernism: opening the Hard Rock Hotel and Casino. *Journal of Contemporary Ethnography*, Thousand Oaks, v. 27, n. 2, p. 242-269, 1998.
- BUCK-MORSS, S. *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens*. Belo Horizonte: UFMG; Chapecó: Argos, 2002.
- CAIAFA, J. Comunicação e diferença nas cidades. *Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 91-102, 2002.
- _____. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. São Paulo: FGV, 2007.
- CANEVACCI, M. Metrópole comunicacional. *Revista USP*, São Paulo, n. 63, p. 110-125, set.-nov. 2004.
- CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: _____. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. p. 17-57.
- DÉBORD, G. Teoría de la deriva. *Internacional situacionista*, Paris, v. 1, 1958.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 1-22, 2003.
- _____. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013a.

- _____. A cidade: sede de sentidos. In: _____. (Org.). *Etnografia da duração: estudos da memória coletiva nas coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013b. p. 160-180.
- _____. Etnografia da duração: estudos de memória coletiva. In: _____. (Org.). *Etnografia da duração: estudos da memória coletiva nas coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013c. p. 19-50.
- _____. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013d.
- _____. Ressonâncias de sobreposições temporais: etnografia no bairro Kreuzberg, Berlim (Alemanha). *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 15, n. 36, p. 218-268, 2014.
- FEATHERSTONE, M. The flâneur, the city and virtual public life. *Urban Studies*, Thousand Oaks, v. 35, n. 5-6, p. 909-925, 1998.
- FONSECA, C.; MAGNI, C. T. Homenagem a Colette Pétonnet. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 41, p. 405-411, 2014.
- GILLOCH, G. *Myth & metropolis: Walter Benjamin and the city*. Cambridge: Polity, 1996.
- GOTTSCHALK, S. Ethnographic fragments in postmodern spaces. *Journal of Contemporary Ethnography*, Thousand Oaks, v. 24, n. 2, p. 195-228, 1995.
- GOTTSCHALK, S.; SALVAGGIO, M. Stuck inside of mobile ethnography in non-places. *Journal of Contemporary Ethnography*, Thousand Oaks, v. 44, n. 1, p. 3-33, 2015.
- JENKS, C. Watching your step: the history and practice of the flâneur. In: _____. (Ed.). *Visual culture*. New York: Routledge, 1998. p. 142-160.
- JENKS, C.; NEVES, T. A walk on the wild side: urban ethnography meets the flâneur. *Journal for Cultural Research*, Abingdon, v. 4, n. 1, p. 1-17, 2000.
- KEITH, M. Walter Benjamin, urban studies and the narratives of city life. In: BRIDGE, G.; WATSON, S. *A companion to the city*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2003. p. 410-429.
- MACHADO, C. E. Walter Benjamin: crítica à ideia do progresso, história e tempo messiânico. In: SEMINARIO INTERNACIONAL POLITICAS DE LA MEMORIA, 3., 2010, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: Centro Cultural de la Memoria Hadoldo Conti, 2010.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- MEYERS, M. Walking again lively: towards an ambulant and conversive methodology of performance and research. *Mobilities*, Abingdon, v. 6, n. 2, p. 183-201, 2011.

- MIDDLETON, J. The socialities of everyday urban walking and the “right to the city”. *Urban Studies*, Thousand Oaks, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2016.
- MILITO, C.; SILVA, H. R. *Vozes do meio-fio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- NUVOLATI, G. *Lo sguardo vagabondo: il flâneur e la città da Baudelaire ai postmoderni*. Bologna: Il Mulino, 2006.
- _____. Le flâneur dans l’espace urbain. *Revue Géographie et Cultures*, Paris, n. 70, p. 7-20, 2009.
- _____. NUVOLATI, G. The flâneur: A way of walking, exploring and interpreting the city. In: SHORTELL, T.; BROWN, E. (Ed.). *Walking in the European city: quotidian mobility and urban ethnography*. Farnham: Ashgate, 2014. p. 21-33.
- OLIVEIRA, B.S.C. *Walter Benjamin, leitor das cidades: linhagens da antropologia urbana*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- PAETZOLD, H. The aesthetics of city strolling. *Journal of Contemporary Aesthetics*, Thousand Oaks, v. 11, n. 1, p. 23-37, 2013.
- PEIRANO, M. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.
- PÉTONNET, C. L’Observation flottante : l’exemple d’un cimetière parisien. *L’Homme*, Paris, v. 22, n. 4, p. 37-47, 1982.
- PILE, S. Sleepwalking in the modern city: Walter Benjamin and Sigmund Freud in the world of dreams. In: BRIDGE, G.; WATSON, S. *A companion to the city*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2003. p. 75-86.
- POE, E. A. O homem da multidão. In: DUFILHO, J.; TADEU, T. (Org.). *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 91-102.
- RICHARDS, H. Sex and the City: a visible flâneuse for the postmodern era? *Continuum: Journal of Media & Cultural Studies*, Abingdon, v. 17, n. 2, p. 147-157, 2003.
- ROSSITER, B.; GIBSON, K. Walking and performing “the city”: a Melbourne chronicle. In: BRIDGE, G; WATSON, S. *A companion to the city*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2003. p. 437-447.
- SENNETT, R. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SHORTELL, T.; BROWN, E. (Ed.). *Walking in the European city: quotidian mobility and urban ethnography*. Farnham: Ashgate, 2014.
- SILVA, H. R. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, 2009.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, G. O. (Ed.). *O fenômeno urbano*. São Paulo: Zahar, 1973. p. 11-25.
- SOLNIT, R. Paris, or botanizing on the asphalt. In: _____. *Wanderlust: a history of walking*. London: Penguin, 2001. p. 196-213.

SONTAG, S. *Sob o signo de saturno*. São Paulo: L&PM, 1986.

SOUKUP, C. The postmodern ethnographic flâneur and the study of hyper-mediated everyday life. *Journal of Contemporary Ethnography*, Thousand Oaks, v. 42, n. 2, p. 226-254, 2013.

STRATHERN, M. Os limites da autoantropologia. In: FERRARI, F. (Ed.). *O feito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 133-157.

VEDANA, V. *No mercado tem tudo que a boca come*: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VELHO, G. Antropologia urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 59, p. 11-18, 2009.

_____. Introdução à 1ª edição de *A utopia urbana*. In: _____. *Um antropólogo na cidade*: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 10-24.

WERNECK, M. M. F. *Mito e experiência*: operadores estéticos de Claude Lévi-Strauss. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

WOOD, A. F. “What happens [in Vegas]”: performing the post-tourist flâneur in “New York” and “Paris”. *Text and Performance Quarterly*, Abingdon, v. 25, n. 4, p. 315-333, 2005.

Resumo

Linhas benjaminianas do pensamento etnográfico

Neste artigo analiso a influência da obra de Walter Benjamin em propostas de etnografia urbana, no intento de traçar os contornos do que chamo de “linhas benjaminianas do pensamento etnográfico”. Demonstro, por meio de uma revisão bibliográfica, como autores de diversos países articulam conceitos e categorias de Benjamin em suas abordagens de pesquisa de campo e escrita etnográfica na cidade desde a década de 1980. Denomino tais conceitos e categorias como “operadores urbanos”, espécies de ferramentas epistemológicas por meio das quais Benjamin e os autores trabalhados abordam as cidades. Neste artigo analiso dois deles: a teoria do *flâneur* e a escrita fragmentária. Com esses apontamentos, argumento que a obra benjaminiana possui um grande potencial para as reflexões da antropologia urbana contemporânea.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Antropologia Urbana; Etnografia; Flâneur; Fragmento.

Abstract

Benjaminian lineages of ethnographic thought

In this paper, I analyze the influence of Walter Benjamin's work on proposals for urban ethnography, in an attempt to trace the contours of what I call the “Benjaminian lineages of ethnographic thought”. I demonstrate, through a bibliographical review, how authors from several countries articulate concepts and categories of Benjamin's work in their approaches to field research and ethnographic writing in the city since the 1980s. I call such concepts and

categories “urban operators”, sort of epistemological tools through which Benjamin and the other authors address the cities. In this paper, I analyze two of them, the *flâneur’s* theory and the fragmented writing. Taking this into account, I argue that Benjamin’s work can still contribute to new approaches in the field of Urban Anthropology.

Keywords: Walter Benjamin; Urban Anthropology; Ethnography; Flâneur; Fragment.

Résumé

Lignées benjaminiennes de pensée ethnographique

Dans cet article, on examine l’influence de le œuvre de Walter Benjamin dans les propositions de l’ethnographie urbaine, dans le but de tracer les contours de ce qu’on appelle « lignées benjaminiennes de pensée ethnographique. On démontre, à travers une révision bibliographique, comment des auteurs de différents pays articulent des concepts et catégories de Benjamin dans leurs approches de recherche de champ et écriture ethnographique de la ville, depuis les années 1980. Ces concepts et catégories, qu’on appelle « opérateurs urbains », espèce d’outils épistémologiques par des moyens dont Benjamin et les auteurs travaillés abordent des villes. Dans cet article on regarde deux d’entre eux : la théorie du flâneur et l’écriture fragmentaire. Avec ces notes, on argumente que l’œuvre de Benjamin a un grand potentiel pour les réflexions de l’anthropologie urbaine contemporaine.

Mots-clés: Walter Benjamin; Anthropologie urbaine; Ethnographie; Flâneur; Fragment.